

Isabel Duprat



“O paisagista tem que ser responsável na sua intervenção no meio ambiente. Não podemos destruir um mangue ou falésias para fazer um jardim.”

Isabel Duprat

Paisagismo com responsabilidade

Os jardins de Isabel Duprat simbolizam o equilíbrio entre a botânica, a arquitetura e a ecologia. Aliás, muito preocupada com o meio ambiente, Isabel defende que o paisagista seja responsável por seu projeto, tenha uma postura ética diante do exercício de seu trabalho profissional e oriente o cliente nestas premissas de intervenção. Essa ideologia já levou a profissional até a recusar alguns trabalhos.

Isabel Duprat estudou Arquitetura na Universidade paulista Mackenzie entre 1973 e 1978. No fim do curso, estagiou durante seis meses com Burle Marx. Apesar de decidida a tornar-se paisagista, demorou alguns anos até sentir segurança para projetar jardins. Antes, montou uma loja de plantas e flores e trabalhou no departamento de parques da prefeitura de São Paulo. Só depois de muito estudo, cursos de especialização, viagens com botânicos é que começou a projetar e prosperou na carreira. Hoje, seus jardins são referência.

Manoel de Souza: De onde surgiu esse desejo de se tornar paisagista?

Isabel Duprat: Minha família sempre esteve ligada à natureza. Nasci em São Paulo, mas morei alguns anos no interior quando era pequena, e nossos dias de lazer eram no sítio com o pé na terra. Tive muita convivência com o plantar e ver crescer. Veio o interesse por botânica e depois por arquitetura. Foi uma combinação muito feliz. Eu entendo que o paisagismo é projetar os espaços externos. Por isso, estudei arquitetura já pensando em ser paisagista.

Manoel: Qual é seu conceito de paisagismo?

Isabel: Paisagismo é a concepção de espaço externo. Acho que a melhor formação para exercer o paisagismo ainda é o curso de arquitetura, que nos dá o entendimento da estrutura do espaço. A isto devem-se somar a botânica, o conhecimento do solo e do clima. O curso de agronomia não fornece a ferramenta para estruturar o espaço e a técnica para projetar elementos construtivos das áreas externas.

Manoel: Depois da faculdade, o que você fez?

Isabel: Comecei lecionando história dos jardins no viveiro municipal Manequinho Lopes, em São Paulo, SP. Foi no terceiro ano da faculdade. Com o tempo, comecei a dar um curso para jardineiros. Pena que acabou. Era um curso diário de seis meses para formar mão-de-obra de jardineiros para a Prefeitura de São Paulo. Depois, trabalhei em projetos de parques e áreas verdes no DEPAVE durante sete anos.

Raul: Hoje precisamos de muitos jardineiros. Todos querem ser paisagistas, mas ninguém quer ser jardineiro.

Manoel: Faltam bons jardineiros no mercado?

Isabel: Hoje não há mão-de-obra de qualidade. Para executar jardins, acabamos formando nossos jardineiros. Existem muitas empresas executando, mas a qualidade é muito ruim de modo geral.

Manoel: Que problemas você costuma encontrar na hora de implementar seus projetos?

Isabel: São vários. Tenho visto problemas básicos como preparo incorreto do solo. Têm pessoas fazendo jardins com covas mal preparadas, sem drenagem e em solos pobres. Infelizmente, há uma quantidade enorme de empresas no mercado, trabalhando com uma qualidade muito ruim de execução. Lógico que elas têm preços inferiores, mas não estão orçando a mesma coisa que empresas sérias. E o resultado só se percebe um ano ou dois após a execução do jardim. Outro dia fui chamada para opinar sobre um jardim feito há cinco anos por uma destas empresas irresponsáveis. Me perguntaram por que as plantas não se desenvolviam. Começamos a cavar o solo e só achamos entulho, que deixou as árvores todas encruadas.

Manoel: Como se corrigem problemas como esse?

Isabel: Não tem jeito. Tem que desmanchar e refazer o jardim. Por isso, na execução de meus projetos trabalho com os mesmos empreiteiros há muito tempo e supervisiono pessoalmente toda execução.

Raul: Sinto uma tendência dos escritórios de paisagismo de voltarem a executar seus próprios projetos. Já me dediquei exclusivamente a executar jardins mas, nos últimos anos, tenho só projetado. E aí vêm as decepções com o resultado. Às vezes, escolho uma palmeira com todo carinho e plantam um *Syagrus* qualquer para baratear o custo.

Isabel: O mercado paisagístico está crescendo, mas com problemas enormes. Não adianta caprichar no projeto se a execução é péssima. Cabe aos paisagistas mudar isso. Temos que exigir mais controle sobre a execução e a manutenção.

Roberto: Atualmente, que tipo de projetos você faz?

Isabel: Faço jardins residenciais, institucionais, projetos

de fazenda e casas de praia. Recentemente tenho feito alguns projetos de empreendimentos também.

Manoel: Quantos projetos você toca ao mesmo tempo?

Isabel: Uns 20 ou 30. E tenho a intenção de manter esse tamanho, para dar mais atenção a cada projeto. Busco criar espaços de bem-estar em meus projetos e isto requer tempo em cada projeto. Hoje isso é muito necessário. As pessoas estão sem referência, perderam a ética e respeito, inclusive em nossa profissão. O que está acontecendo é muito grave.

Roberto: Você acha que um jardim pode retomar a ética?

Isabel: O jardim na cidade tem a função de prover o contato com a Natureza. O verde ajuda a resgatar valores essenciais. Com a planta não tem mentira. Ela é o que é.

Roberto: Pelo que entendi, o paisagista vende o trabalho de criar áreas de bem-estar, mas sofre com a falta de ética do próprio mercado paisagístico.

Isabel: São dois problemas diferentes. Primeiro tem a ver com a postura de cada paisagista, o que ele pretende e busca no espaço, e como ele se relaciona com o meio ambiente. A outra é como executar isso. Há muita desinformação sobre como viabilizar os projetos. Nós, paisagistas, temos um papel de alertar o cliente pois, às vezes, o que ele quer não é executável. Acontece muito com as áreas litorâneas. Praias maravilhosas são devastadas para se fazer um empreendimento. Em alguns casos, o paisagista precisa dizer não e mostrar para o cliente que a intervenção vai estragar e deteriorar a área, e propor alternativas.

Raul: Às vezes pode-se ganhar mais sem a devastação da área...

Isabel: ... e às vezes é preciso ganhar menos. Não dá para destruir uma mata por causa de um projeto. Mais do que nunca, cabe ao profissional ajudar o

cliente e alertá-lo para determinadas situações que nós conhecemos ou deveríamos conhecer. Por exemplo, numa área de falésia, o paisagista precisa conhecer como o meio ambiente se comporta e saber que a recomposição da vegetação de falésias é extremamente difícil antes de interferir.

Manoel: Mas como os paisagistas podem dominar esses assuntos?

Isabel: Se tiver dúvidas, consulte alguém que saiba. Não dá para dizer que existe um paisagista que saiba tudo sobre vegetação e solos, pois temos uma flora muito extensa. Mas ele precisa saber, pelo menos, onde buscar a informação. Geralmente consigo uma solução positiva. Contudo, houve ocasiões em que falei: "Olha, se isso for encaminhado dessa maneira, não faço". Há muitas atitudes ecológicamente incorretas. Você iria construir uma casa em cima do mangue? Vamos destruir o mangue só para fazer um jardim?

Manoel: Você já recusou projetos dessa natureza?

Isabel: Sim. Foi uma postura ética.

Raul: Como deve agir um paisagista novato nessas situações?

Isabel: O problema é que o recém-formado não está apto a fazer determinados trabalhos. O ideal é que antes ele comece com pequenas obras e se prepare com profundidade. No entanto, minha postura de respeito a natureza e ao meu trabalho é a mesma desde o início de minha atividade profissional.

Roberto: Existe diferença entre projetos criados por paisagistas homens e paisagistas mulheres?

Isabel: (pensativa) Eu acho que sim. São olhares diferentes que resultam, talvez, em traços distintos. Não sei dizer se essa diferença fica clara nos jardins. Sinto nos meus projetos – e muitas pessoas atestam – que são espaços mais calmos.

Um rio ao alcance dos olhos

O objetivo deste projeto foi resgatar para dentro o jardim o Kari'oka, um rio que atravessa a propriedade da família do jornalista Roberto Marinho. A água foi despoluída neste percurso e a alteração da cota para o nível mais alto junto à casa permitiu a criação de um pequeno lago para carpas, envolvido por plantas nativas da mata circundante. Mais adiante foi criada uma piscina acessada por uma ponte sobre o lago, com pátios e patamares. Esta área se integra a uma outra área de jardim projetado por Roberto Burle Marx há mais de 50 anos.



ISABEL DUPRAT ARQUITETA PAISAGISTA

01/06

RESIDÊNCIA ROBERTO MARINHO - PROJETO DE BARRIO DO RIO CARVALHO DE JARDIM, BRASIL 1994

Neste trecho do jardim da família Marinho, Isabel Duprat plantou palmeiras-licualas (*Licuala grandis*), localizadas na entrada, que viraram o cartão de boas-vindas de quem chega à residência.





Vista do jardim e da casa da família Marinho: a mata nativa envolve todo o terreno e dita o estilo tropical do paisagismo, que se integra ao ambiente. De cima da ponte, é possível apreciar os peixes que vivem nas águas que foram totalmente despoluídas.



A reforma no jardim e a mudança do curso do rio permitiram a criação de um espelho d'água, no qual vive uma infinidade de peixes ornamentais.

Um dos lagos da propriedade foi criado só para abrigar exóticos flamingos. No local, destaca-se uma imensa figueira (*Ficus guaranítica*) e um pândano (*Pandanus utilis*).



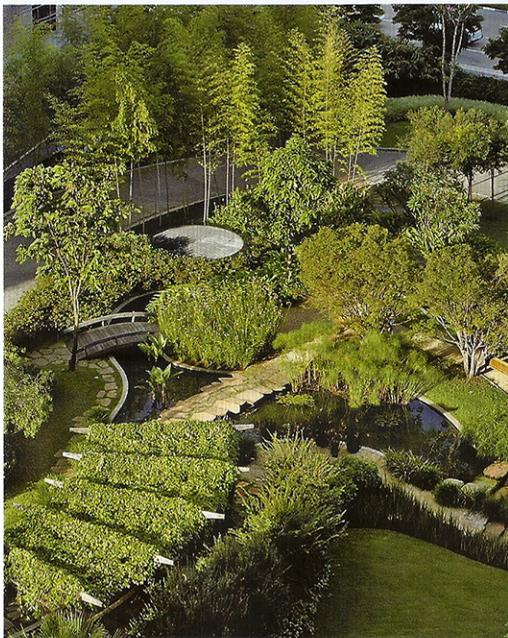


Exemplos da variedade de plantas do projeto: acima, palmeira-de-macarthur (*Ptychosperma macarthurii*) integrada à mata existente, sobre um tapete de tonalidades e texturas de diferentes verdes. Na foto à direita, entre as árvores, aparece o lago de carpas e a piscina.



Grupo de ipê do brejo (*Tabebuia umbellata*) junto à ponte com forração de samambaia-trepadeira (*Stenochlaena tenuifolia*).

Neste projeto do jardim do edifício sede do Bank Boston, em São Paulo, SP, Isabel Duprat concebeu um bosque que oferece muito aconchego aos funcionários que o visitam.



Numa parte do terreno, aparece uma aconchegante sala de estar ao ar livre. No espaço destacam-se jabuticabeiras (*Myrciaria cauliflora*). Abaixo, detalhe da cascata alimentada por cursos d'água que percorrem a área do pergolado.

